

O FOGO QUE DESENGESSA E MOBILIZA – UMA ENTRADA NA OBRA DE MICHEL PÊCHEUX¹

Claudia CASTELLANOS PFEIFFER
Laboratório de Estudos Urbanos/Unicamp

O presente texto propõe discutir o artigo de Michel Pêcheux, “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, escrito em 1978. Pêcheux solicita a introdução deste artigo na edição inglesa de *Les Vérites de la Palice*, em 1982. A tradução para o português – *Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*² – manteve, pois, sob a forma do anexo III, este artigo em sua edição brasileira³.

Como falar de Pêcheux sem reduzi-lo seja pelo tempo da exposição, seja pela formulação mesmo? Por uma entrada, por um recorte: um só que já é muito(!):

Pelo “fogo de um trabalho crítico” e “contra o fogo incinerador que só produz fumaça” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 294), o autor nos mostra o lugar do equívoco funcionando consistentemente em seu *Les Vérites de la Palice*. Lugar que só pôde ser compreendido porque se trata de um pesquisador que levou às últimas conseqüências sua constante e corajosa prática teórica, isto é, um retorno sempre aos conceitos, não deixando com que o logicamente estabilizado lhe aquietasse o espírito. Autor que, pedindo emprestado suas próprias palavras ao referir-se a Espinosa e Althusser, leva aos extremos as questões imperdoáveis.

De que ordem é esse equívoco? Arrisco, para compreender este equívoco, começar com aquilo que me ficou forte quando me iniciava nas tramas do discurso. Trabalhar no entremeio da Lingüística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise não significa estabelecer um amálgama dos três campos, não significa recobri-los um ao outro, não significa emprestar e aplicar

¹ Texto apresentado no *painel 06* do **I Seminário de Estudos em Análise de Discurso – Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar**, em 11 de novembro de 2003.

² PÊCHEUX, Michel. (1969) *Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

³ As citações a este artigo terão como referência a paginação da edição brasileira de 1990, pág. 293 – 307.

conceitos. Significa, isso sim, ter grande clareza da sua posição, enquanto analista, e de sua pergunta.

Pois muito bem, em seu percurso em busca de precisão teórica e jamais calmaria ou estabilização, Pêcheux retorna para suas formulações em “Les Vérites” e percebe que algo “ia bem demais” com o Sujeito de Linguagem lá pensado discursivamente. Pêcheux percebe-se *pego* pelo efeito de coincidência do *sujeito* e do *Eu*. No gesto mesmo de buscar compreender o funcionamento da linguagem, na qual constituem-se sujeitos e sentidos, desfazendo a unidade, a transparência, a evidência, trabalhando na direção de compreender o processo de *reprodução/transformação* (acréscimo a Althusser) das relações de produção existentes, a formulação deste gesto e suas conseqüências investiam em um sujeito, após compreendido, que retornava à unidade. Esse *Eu* da ordem do imaginário que não falha, movimenta-se pela coesão, pela não-contradição, enfim um *Eu-Sujeito-Pleno*.

Esse Eu-Sujeito-Pleno para Pêcheux se efetiva na conclusão de seu livro quando propõe, em suas palavras, “um estranho sujeito materialista que efetua a apropriação subjetiva da política do proletariado (...) [cuja] simetria tendencial com o sujeito da prática política burguesa não era questionada” (*ibid.*, p. 298). Fechava-se assim o espaço constitutivo da contradição, do movimento, nos processos de identificação nos quais se dão, ao mesmo tempo, contraditória e constitutivamente, a dissensão. Abria-se espaço, aí sim, para uma ilusão necessária, mas imaginária, de “uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra” (*ibid.*, p. 298-299). Trazer à consciência o que se é para assim ser outro! Como o diz Pêcheux, “um primado da teoria sobre a prática” (*ibid.*, p. 299).

Eis aí o lugar do equívoco neste “assujeitamento perfeito” do Eu-Sujeito-Pleno, lugar em que temos acesso analítico ao recobrimento do funcionamento ideológico sobre o discurso científico. O lugar do humanismo, do idealismo foi preponderante. Funcionou aí a ideologia como ocultação...

Pêcheux sabia que não era essa sua compreensão de ideologia e para compreender sua compreensão (!) ele levaria às últimas conseqüências sua afirmação sobre o triplo real da língua, da história e do inconsciente – indissociáveis. Indissociáveis e não sucessivos. Trata-se de um **Batimento**, de

um **Encontro**, não de uma sucessão de fatos que produzem conseqüências porque lhe são causas.

O problema central estava numa falsa implicação: de que os esquecimentos e apagamentos, produzidos ideologicamente, faziam desaparecer aquilo que foi apagado e esquecido. Aí se encontra o batimento entre o inconsciente e a ideologia, materialmente ligados, cuja ligação se dá **na** língua. Pensar em termos de esquecimentos, de apagamentos, não implica em aniquilamento, em desaparecimento.

Para se dizer é preciso esquecer e é preciso apagar. Eis aí o trabalho do interdiscurso em sua intrincada relação com as Formações Ideológicas: o processo de sustentação (o *pré-construído* – isto fala, antes, em outro lugar, independentemente) e o sistema de evidências de significações (o apagamento do processo de constituição dos sentidos).

É a partir dessa compreensão que se pode afirmar que sentido e sujeito são produzidos na história, são determinados e *desconhecem* seu processo de determinação. Desconhecer sua determinação implica em não controle, inclusive, da dissensão. Escapa ao sujeito a produção dos sentidos, mas escapa também onde o ritual desta produção falha.

Ao afirmar que a interpelação é um ritual e que não há ritual sem falhas, Pêcheux nos mostra que é na falha, traços de obstáculos à interpelação, que se toca o sujeito, que se toca a ideologia. Aqui o mestre reencontra Bachelard (em LECOURT, 1978) e sua compreensão de obstáculo epistemológico. É naquilo que *falha*, naquilo que *resiste*, que vemos o funcionamento da ideologia, o movimento do “espaço de problemas evidentes” (expressão bachelardiana) na direção da impertinência, do erro.

Lapsos, atos falhos inscrevem assim traços de resistência, do jogo não homogêneo das Formações Discursivas, da dissensão e da dispersão que somente enquanto efeito imaginário se constituem na unidade do sujeito e do texto. A história na língua – o discurso – vai configurando de que modo esta unidade se apresenta enquanto tal.

Pêcheux mostra com clareza, nessas suas formulações que as Formações Discursivas não são homogêneas, não são puras, não são coesas, apesar de serem consistentes. É nesse sentido que Pêcheux nos mostra que no interior do movimento operário é impossível escapar às injunções da

ideologia dominante. Isso significa que há reprodução e transformação ao mesmo tempo e não de modo pontual e sucessivo. Nas palavras com que Pêcheux fecha seu artigo, isso que dizer que não há dominação sem resistência, mas que ninguém pode pensar do lugar do outro, produzindo a resistência no outro! Como nos diz Pêcheux, “é preciso suportar o que venha a ser pensado, é preciso ousar pensar” (PÊCHEUX, *op. cit.*, p. 304).

A meu ver esse retorno insistente de Pêcheux às suas análises e formulações, nos mostra sua empreitada incansável, de seu tempo, em questionar a evidência da leitura, da interpretação. Retirar a leitura da subjetividade (não há unidade no sujeito, seja leitor, seja escritor), pensando em termos de sua materialidade, implica em construir um dispositivo de análise de discurso que se queira científico. E, como nos ensinam Paul-Henry e Pêcheux, só há instrumento em relação a uma teoria.

Essa teoria foi se constituindo na assim designada *Tríplice Aliança* da Lingüística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, sem reducionismos, sem banalizações. Mas não nos equivoquemos: esta tríplice aliança se dava em função de uma pergunta de base: de que modo se organizam as evidências dos sentidos e dos sujeitos. De que modo, *na língua*, se dá o batimento entre aquilo que se esquece e aquilo que irrompe, de que modo, enfim, a história se inscreve na língua produzindo discursividades. Discursividades marcadas pela resistência, pelo político, pelo confronto de sentidos.

Não poderia fechar essa reflexão de outro modo do que remeter à minha dissertação de mestrado em que compreendi a importância de pensarmos no processo de significação enquanto um processo de subjetivação e pensar, pois, com Pêcheux, que ser ambíguo, usar clichês⁴, falar sua língua como se fosse uma língua estrangeira mal dominada, podem ser compreendidos como práticas discursivas que permitem dar visibilidade ao funcionamento da resistência que busca lugar para o irrealizável, e eu diria também para o interpretável. Neste sentido, podemos tomar aquilo que é considerado enquanto clichê, senso-comum no “uso” da língua de um modo diferente.

⁴ Essas compreensões se fizeram possíveis após a leitura do trabalho de LEANDRO FERREIRA, Maria. Cristina. A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade), em ORLANDI, Eni P. (org.) *Discurso Fundador; a formação do país e a construção da identidade Nacional*. Campinas, Pontes, 1993.

Percebendo estes funcionamentos como constitutivos da língua e não “parasitários” (Cf. Coulioli), nos deslocamos da redução da noção de estereótipo ou clichê à idéia de um automatismo irracional desprovido de inserção reflexiva do sujeito no mundo social.

O “automatismo” é produzido a partir de mecanismos sociais, históricos e culturais que estão presentes nos modos de sustentação do *status quo*. Esses mecanismos realizam-se através da reiteração de enunciados que expressam o saber comum. E é o efeito de impregnação destes automatismos - ou seja, o efeito de que todo e qualquer sujeito sabe o sentido único e literal dos enunciados e de que este é sempre o mesmo - o responsável pela possibilidade da institucionalização de certos sentidos que correspondem, ética e moralmente, às expectativas construídas por uma sociedade (FERREIRA, 1993:72). É neste movimento do fixo e do mutável, da transparência e da opacidade, do mesmo e do diferente que o aluno entra para escrever seus textos e que, igualmente, o professor entra para ler e escrever seus textos. Por isso é tão comum a prática paradoxal da exigência e negação do senso-comum. O aluno é cobrado para que entre nas expectativas morais e éticas de sua sociedade e, ao mesmo tempo, é penalizado por escancarar sua aderência, sem escrúpulos. Se os clichês e estereótipos estão em movimento, mas nós não conseguimos perceber este movimento, então nestas formas há também autoria, seja quando a língua está em movimento, seja quando a língua está aparentemente estável. Além disso, na resistência também há um sujeito-autor que se recusa a ser cúmplice do dito, dizendo-o, explicitando a colagem necessária para a coesão social.

Com isso fecho provisoriamente, buscando compreender com a força que propõe Michel Pêcheux, os lugares e modos de constituição de sentidos e sujeitos, levando em conta que a indissociabilidade entre língua, história e inconsciente é uma questão incontornável.

Referências Bibliográficas:

CASTELLANOS PFEIFFER, Claudia *Que autor é Este?* Dissertação de Mestrado. Campinas, IEL, 1995.

LEANDRO FERREIRA, Maria. Cristina. A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade), em ORLANDI, Eni P. (org.) *Discurso Fundador; a formação do país e a construção da identidade Nacional*. Campinas, Pontes, 1993.

LECOURT, Dominique (1972) *Pour une Critique de L'Épistémologie*. Paris, François Maspero, 1978.

PÊCHEUX, M. (1969) *Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.